

ANÁLISE COMPARATIVA NO ENSINO DE HISTÓRIA: ESTÁGIO CURRICULAR E PIBID.

Marcelo Augusto de Souza¹
Everton Bandejas Martins²
Gustavo Henrique de Siqueira³

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta uma análise comparativa entre duas experiências pedagógicas na disciplina de História, centradas no ensino do Brasil República. A primeira, vivenciada na Escola de Educação Básica Zélia Scharf, em uma turma do segundo ano do Ensino Médio no turno da noite, foi baseada na observação das aulas ministradas pelo professor efetivo no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência(PIBID) no início do semestre de 2025. A segunda, corresponde à prática do Estágio Curricular Supervisionado II, realizado na E.E.B. Marechal Bormann, em Chapecó-SC, no primeiro semestre de 2024, por estudantes de História da Universidade Federal da Fronteira Sul.

O objetivo do presente estudo é refletir sobre as metodologias utilizadas em ambas as realidades escolares, considerando suas especificidades, desafios e estratégias didáticas, e identificar como essas experiências contribuem para a construção de uma prática pedagógica crítica e significativa no ensino de História. Por meio da comparação, busca-se compreender como as abordagens docentes se aproximam ou se distanciam no trato dos conteúdos históricos e na relação com os estudantes, especialmente diante dos desafios do turno noturno e da diversidade estudantil.

1 METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho baseia-se em uma abordagem qualitativa, de caráter comparativo e descritivo, tendo como fonte a observação direta realizada no início do ano de 2025 na E.E.B. Zélia Scharf e o relato de estágio desenvolvido no início de 2024 na E.E.B. Marechal Bormann. As informações sobre a experiência na Zélia Scharf foram obtidas por meio de anotações de campo durante as aulas de História voltadas ao período do Brasil República, com foco nos métodos didáticos utilizados, no comportamento dos alunos e na estrutura escolar. Já sobre a Marechal Bormann fornece um relato detalhado do processo de estágio, desde o planejamento até as atividades avaliativas, incluindo feedback dos alunos.

Ambas as experiências foram analisadas à luz de um referencial teórico que problematiza o ensino de História como espaço de mediação crítica, considerando os desafios contemporâneos da educação e as múltiplas formas de engajar os

¹ Acadêmico(a) do Curso de Licenciatura em História – 9º fase. Universidade Federal da Fronteira Sul. marcelosouza@estudante.uffs.edu.br

² Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com período sanduíche na Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM). Professor Adjunto na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e Coordenador do PIBID, Núcleo História. E-mail: everton.martins@uffs.edu.br.

³ Doutor em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Orientador. Professor da disciplina de História da Escola de Educação Básica Professora Zélia Scharf. E-mail: 965865@profe.sed.sc.gov.br.

alunos no processo de ensino-aprendizagem. A análise buscou identificar pontos de convergência e divergência nas práticas, nas metodologias e nos resultados obtidos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO E/OU DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

O ensino de História, segundo Bento (2013), exige do professor a compreensão das mentalidades sociais e a habilidade de transpor criticamente o conhecimento histórico para a sala de aula. Essa transposição deve estar atrelada a uma mediação dialógica, que, como ressalta Bittencourt (2017), transforma a sala de aula em um espaço de construção de sentidos, não apenas de transmissão de conteúdos. Paulo Freire reforça essa ideia ao afirmar que a educação deve ser instrumento de transformação social e não um fim em si mesma (Martins, 2009; apud Teixeira, 1969. p. 9).

Libâneo (1994), por sua vez, destaca a didática como ferramenta para garantir a aprendizagem significativa, baseada na alteridade, na sensibilidade ao contexto e na construção de relações horizontais entre professor e aluno. Schmidt (2006) completa essa discussão ao argumentar que o professor deve atuar como mediador do conhecimento histórico, promovendo sua ressignificação no ambiente escolar, a partir da interação com os sujeitos, materiais e contexto.

Dessa forma, a prática docente em História exige, mais do que domínio de conteúdo, a capacidade de criar experiências formativas, utilizando métodos ativos, recursos diversificados e problematizações que façam sentido na vida dos alunos. Esses princípios foram utilizados como lente analítica das duas experiências pedagógicas estudadas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

E.E.B. Zélia Scharf (Observação)

A experiência de observação na turma do segundo ano do Ensino Médio noturno da Zélia Scharf revelou uma série de desafios específicos: cansaço dos alunos, baixa participação e dificuldades de concentração, típicas do turno da noite. As aulas observadas seguiam um modelo mais tradicional, com uso frequente dos slides, exposição oral e fontes trazidas pelo professor para um melhor entendimento dos assuntos abordados. Apesar da boa organização e do comprometimento docente, o engajamento dos estudantes foi limitado, o que impactou na absorção dos conteúdos.

A abordagem do Brasil República focou em eventos como as revoltas populares, o Golpe de 30 e o Estado Novo, com atenção à cronologia dos fatos. Parte das revoltas e acontecimentos foram tratadas em apresentações feitas pelos alunos. No entanto, a ausência de metodologias ativas, como debates, uso de fontes primárias ou recursos audiovisuais, restringiu a interação e a construção crítica do conhecimento. Porém, estas metodologias serão usadas com os alunos em uma proposta de intervenção futuramente em parceria com o professor vigente da turma.

E.E.B. Marechal Bormann (Estágio Supervisionado)

Em contrapartida, o estágio supervisionado na Marechal Bormann procurou adotar uma postura pedagógica crítica e dialógica, fundamentada nas teorias discutidas anteriormente. A atuação nas turmas 91 e 92 do 9º ano evidenciou um esforço por parte dos estagiários em utilizar metodologias diversificadas: leitura de

fontes primárias, análise de imagens, uso de jornais e músicas da época, além de construção de paralelos com a atualidade.

O conteúdo ministrado também incluiu o Brasil República, abordando temas semelhantes ao da Zélia Scharf como falado anteriormente, como a Revolta da Vacina, o Golpe de 30 e o Estado Novo. Em ambos os casos, as aulas buscaram interpretar os eventos sob uma ótica social e crítica.

As turmas da escola Marechal Bormann responderam de forma distinta: enquanto a 91 teve maior participação e envolvimento, a 92 apresentou resistência, com comportamentos desinteressados. Ainda assim, os estagiários conseguiram extrair aprendizados significativos, recebendo feedbacks positivos e sugestões de melhoria por meio de cartas escritas pelos próprios estudantes.

Comparação entre as experiências

Comparando ambas as experiências, fica evidente que a adoção de metodologias ativas e a mediação crítica do conhecimento histórico proporcionam maior engajamento e aprendizado. A EEB Professora Zélia Scharf, localizada na rua Borges de Medeiros, nº 1341E, no Bairro Presidente Médici, tem uma grande diversidade por parte dos alunos. Como citado anteriormente, a turma acompanhada da escola Zélia Scharf foi no período noturno, logo, apesar do esforço do professor em fazer a turma interagir com os assuntos, ainda sim, a turma não interagiu o suficiente em sala de aula, sendo uma turma mais complicada de fazer interagir.

A escola E.E.B Marechal Bormann está situada ao lado da catedral Santo Antônio e perto do terminal urbano de Chapecó, ao lado da escola se encontra a praça coronel bertaso e a secretaria de educação. Por ser uma escola que fica no centro da cidade, grande parte dos alunos tem formação e realidades diferentes das outras escolas de Chapecó, porém, a realidade dos alunos matriculados também é bastante diversificada. A experiência na Marechal Bormann, foi feita no período da manhã, dessa forma, mesmo sendo conduzida por estagiários em formação, destacou-se pela tentativa metodológica e proximidade com os alunos. Essa abertura ao diálogo e ao uso de fontes diversificadas favoreceu o desenvolvimento do pensamento histórico e aproximou os estudantes dos debates sociais contemporâneos. Este mesmo desenvolvimento de pensamento crítico é feito pelo professor da escola Zélia Scharf, mas por conseguinte das limitações da turma no horário noturno, existe uma dificuldade em ser aplicada.

CONCLUSÃO

A análise comparativa entre as experiências na E.E.B. Zélia Scharf e na E.E.B. Marechal Bormann aponta para a importância da reflexão crítica na prática docente, especialmente no ensino de História. Ensinar este componente curricular exige mais do que domínio de conteúdo: requer sensibilidade ao contexto dos alunos, criatividade na escolha de estratégias e compromisso com a formação cidadã.

Enquanto a prática na Zélia Scharf evidenciou uma dificuldade em fazer os alunos interagirem com a matéria em um ambiente desafiador, a experiência na Marechal Bormann, por ser no período matutino, os estagiários conseguiram adotar uma boa metodologia em sala de aula. Contudo, como foi dito anteriormente –

futuramente será feita uma experiência metodológica com os alunos do turno noturno para com as aulas de história.

Essa comparação reforça a ideia de que o estágio supervisionado e o PIBID, onde foi possível a observação das aulas na escola Zélia Scharf, não é apenas um requisito curricular, mas uma etapa essencial na formação do professor, pois permite a experimentação, o erro e o crescimento.

Por fim, o ensino de História deve ser pensado como um campo de possibilidades. Com base nos autores citados e nas experiências analisadas, é possível afirmar que a história ensinada na escola pode — e deve — ser viva, contextualizada e conectada ao presente, para que os alunos não apenas compreendam o passado, mas também sejam capazes de agir criticamente no mundo que os cerca.

REFERÊNCIAS

BENTO, Luiz Carlos. O Saber Histórico e o ensino de história: uma reflexão sobre as possibilidades do ensino escolar da história. **Revista Fatos e Versões**, v. 5 n. 10, 2013.

BITTENCOURT, Adriana da Silva. Ensino-aprendizagem de leitura no 9º ano do Ensino Fundamental: proposta didática para a interpretação de nanocontos a partir da semiótica discursiva. 2017. 94 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2017. Disponível em: <https://tede.ufrj.br/jspui/handle/jspui/4414>. Acesso em: 18 abr. 2025.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. 29ª reimp. São Paulo: Cortez, 1994.

SCHMIDT, M. A. M. S. ; GARCIA, T. M. F. B .Sala de aula :**Instância de definição do conhecimento?** In: 29a. Reunião anual da ANPED, 2006, Caxambu-MG. Educação, cultura e conhecimento na contemporaneidade: desafios e compromissos. Rio de Janeiro : ANPED, 2006. p. 1-12.